

UMA BREVE APROXIMAÇÃO ENTRE LITERATURA E TEORIA DO ESTADO: REVOLUÇÃO DOS BICHOS, AUTORITARISMO, ALIENAÇÃO E O FIM DAS UTOPIAS

ESPECIATO, Ian Matozo¹

RESUMO

Este breve ensaio tem como objetivo principal a junção da literatura com a Teoria do Estado, aproximando o Direito à arte literária. Para tanto, elegeu como objeto de estudo a fábula orwelliana “Revolução dos Bichos” e teve a pretensão de, para além de resenhá-la, estabelecer conexão com o pensamento alguns teóricos comunistas, notadamente Marx, Engels, Kropotkin, Lênin e Podvolotsky, a fim de pensar as deturpações do comunismo encontradas no socialismo real, mas também refletir sobre a história brasileira recente, a ascensão da ultradireita, a retomada da ideologia fascista e do pensamento autoritário. Discute-se também sobre o processo de alienação e o modo como as pessoas são docilizadas para a servidão voluntária, fazendo com que uma pequena classe de privilegiados permaneça no poder oprimindo muitos, sejam os algozes os burocratas ou os donos dos meios de produção em um regime capitalista. Metodologicamente esse pequeno ensaio utilizou-se da pesquisa bibliográfica e historiográfica de maneira assistemática.

Palavras-chave: Teoria do Estado. Revolução dos Bichos. Socialismo real. Fascismo.

ABSTRACT

This brief essay has as main objective the junction of literature with State Theory, bringing the Law closer to literary art. To this end, it chose the Orwellian fable “Animal Farm” as its object of study and intended, in addition to reviewing it, to establish a connection with the thought of some communist theorists, notably Marx, Engels, Kropotkin, Lenin and Podvolotsky, the in order to think about the distortions of communism found in real socialism, but also to reflect on recent brazilian history, the rise of the ultra-right, the resumption of fascist ideology and authoritarian thinking. It also discusses the process of alienation and the way in which people are made docile to voluntary servitude, causing a small class of privileged people to remain in power, oppressing many, whether the executioners are the bureaucrats or the owners of the means of production under a capitalist regime. Methodologically, this small essay used bibliographic and historiographical research in an unsystematic way.

Keywords: State Theory. Animal Farm. Real Socialism. Fascism.

¹ Mestre e doutorando em Direito penal pela USP. Professor do curso de Direito do Centro Universitário de Jales (UNIJALES), Jales/SP.



INTRODUÇÃO

A disciplina “Releitura dos Clássicos da Teoria do Estado”, do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo (Largo São Francisco), ministrada pelo Prof. Dr. Enrique Ricardo Lewndowski, tanto nos módulos I e II, permitiu ao aluno rara oportunidade de aproximação com autores consagrados, avizinando a academia não somente da Teoria do Estado Clássica, mas também da Filosofia do Direito, possibilitando uma leitura de cânones com maior maturidade.

No módulo II da referida disciplina, houve um forte embate de ideias de autores dos vários campos ideológicos, o que é cada vez mais raro nos estudos acadêmicos (que por vezes se enclausuram ao divergente), possibilitando reflexões sobre os limites de determinada concepção teórica, seja ela ligada ao pensamento conservador, ao progressista ou ao revolucionário.

Além disso, os pós-graduandos receberam um grato regalo como trabalho de conclusão de curso, a leitura de um dos mais importantes literatos do século XX, George Orwell, unindo assim, os conhecimentos teóricos obtidos e a tão envolvente escrita literária. Assim, pretendeu-se, nesse breve ensaio explorar as interfaces entre alguns autores da Teoria do Estado e a inquietante história do consagrado autor britânico.

Pensar o Direito e o Estado por meio da fábula de Orwell no sucinto, mas impactante “A Revolução dos Bichos” é tocar nas concepções mais arraigadas sobre o poder e colocá-las em xeque. Assim, nas páginas que se seguem, o trabalho tenta elaborar uma resenha crítica desse livro, com influxos de alguns teóricos estudados e reflexões sobre o socialismo real e a realidade brasileira.

1 Marxismo, socialismo real e contrarrevolução

O livro se inicia com o discurso do porco premiado “Major”, já próximo à morte, que exalta os animais a se revoltarem contra “o Homem” que os explora. Fica clara a analogia traçada pelo autor em relação à luta de classes e ao discurso derivado do marxismo, quando o suíno em questão afirma “O homem é a única criatura que consome sem produzir. Não dá leite, não põe ovos, é fraco demais para puxar o arado, não corre o



que dê para pegar uma lebre. Mesmo assim é o senhor de todos os animais. Põe-nos a mourejar, dá-nos de volta o mínimo para evitar inanição” (ORWELL, 2007, p. 12).

Explicita, pois a referência à elite econômica, dona dos meios de produção, mas que nada produz, extrai do trabalho o lucro, se apropriando da mais-valia, ou seja, da riqueza produzida pelos trabalhadores, aí representados pelos animais, repassando-lhes o mínimo para que estes não deixem trabalhar, por meio da comida, no livro, e na realidade, do salário. O discurso do personagem finaliza com a exortação de não cometer os mesmos vícios que o tirano homem quando esse for derrotado e pela igualdade dos animais, que terminam reprimidos por um tiro do fazendeiro Jones, talvez a representar que a força bélica está a serviço do opressor.

Após a morte de major, dois outros porcos assumem a liderança da pretendida revolta, “Napoleão” e “Bola-de-Neve”, também havia “Garganta”, exímio orador. Mais uma vez há uma referência quase explícita ao marxismo quando o narrador afirma que os três porcos organizaram os ensinamentos do falecido numa doutrina que denominaram “animalismo” (ORWELL, 2007, p. 19).

Na fala com a égua “Mimosa” percebe-se que os defensores dessa nova doutrina acreditavam ser necessário sacrificar a individualidade e bens supérfluos como “açúcar” ou “laço de fita” para se libertar da servidão por meio da rebelião. Outro personagem curioso é o corvo “Moisés”, sobre ele pode-se aventar que represente a religiosidade, quando promete aos animais um lugar no céu.

Deveras é um deleite para o leitor quando os opressores se surpreendem com a ira daqueles que lhes foram sempre subservientes, como narrado na passagem: “A situação fugira do controle. Nunca tinham visto os animais daquele jeito, e a súbita revolta das criaturas que eles estavam acostumados a surrar e maltratar à vontade os encheu de pavor” (ORWELL, 2007, p. 21).

Os animais conseguem expulsar os humanos, alteram o nome da granja, decidem conservar a casa como recordação ou “museu” do déspota. Na sequência, elaboram os sete mandamentos do “animalismo”. Já no início do novo “regime”, é descrito um fato curioso, quando o narrador dá a entender que um dos porcos líderes se aproveita do leite que havia ordenhado, já se privilegiando de certa forma e emulando o comportamento de quem os oprimia. Os porcos não trabalhavam, mas dirigiam e supervisionavam o trabalho dos outros, além de liderarem. Aos poucos assumiam a posição e o vácuo de poder deixado pelos humanos.



Apesar da revolução, para alguns a situação não se alterou, como no caso do burro “Benjamin”, que apresentava um comportamento cético, ou mesmo no caso do cavalo Sansão, que trabalhava a mais do que de costume. Fora aqueles que em nada ou pouco contribuía. Já começava a haver uma rusga entre os líderes, apesar de concordarem na concessão de privilégios, já violando o mandamento “todos os animais são iguais” que eles mesmos haviam elaborado.

O autor parece fazer troça com a internacionalização comunista e a infiltração de agentes secretos para desestabilização do Estado capitalista no trecho: “[...] enviaram formações de pombos com instrução de misturarem-se aos animais das granjas vizinhas, contar-lhes a história da Rebelião e ensinar-lhes a melodia de “Bichos da Inglaterra”” (ORWELL, 2007, p. 35). Por se aventar ser a internacionalização uma das partes da doutrina marxista, pode-se mencionar a célebre passagem ao final do Manifesto do Partido Comunista:

Os comunistas rejeitam dissimular as suas perspectivas e propósitos. Declaram abertamente que os seus fins só podem ser alcançados pelo derrube violento de toda a ordem social até aqui. Podem as classes dominantes tremer ante uma revolução comunista! Nela os proletários nada têm a perder e a não ser as suas cadeias. Têm um mundo a ganhar. **Proletários de todos os países, unidos!** (ENGELS; MARX, 1997, grifo nosso).

Percebe-se, também, uma conexão de tal passagem com a fala do suíno Major, no início do livro, que parodia, de certo modo, a figura de Marx. Interessante, ainda, é a passagem em que os fazendeiros vizinhos à “Granja dos Bichos” começam uma propaganda contrarrevolucionária, utilizando-se, aparentemente de um discurso moralizador associado ao medo, de que tal experiência revolucionária contrariaria as “[...] leis da natureza” (ORWELL, 2007, p. 36). O que pode não somente ser associado de certa maneira à guerra fria, mas à ascensão da ultradireita nos tempos atuais, que ainda utiliza a figura do comunista de maneira “demonizada”. Messenberg, analisando a cosmovisão dos formadores de opinião da ascendente direita brasileira afirma:

[...] a demonização de um grupo social real ou imaginário é um dos pilares do “mito do complô”, que assume função social explicativa das mais importantes no universo da política. Ao reduzir a uma única causalidade os acontecimentos desconcertantes e incômodos, finda por lhes restituir a inteligibilidade, minimizando a terrível angústia provocada pelo desconhecido. A personificação do mal (petistas, comunistas, imigrantes, judeus) permite, assim, o seu fácil reconhecimento e, por conseguinte, a vigilância e o combate. Ademais, encontrando-se encarnado, o mal reafirma a identidade dos grupos sociais que se consideram majoritários e apresenta-se como a antítese da “normalidade”. (2017, p. 635).



Além do mais, na obra aparece que “os humanos”, retratados como opressores primordiais, não somente através da deturpação da experiência “revolucionária”, mas também por meio da repressão tentavam combater as novas ideias. Interessante como a partir dessa passagem é possível a reflexão da experiência vivenciada na América Latina durante os períodos ditatoriais, notadamente apoiados e financiados por poderes imperialistas capitalistas, como os Estados Unidos da América. Esse fato fica explícito na passagem abaixo:

Grande parte desse sucesso deve ser creditada aos EUA, pela transmissão doutrinária da DSN [doutrina da segurança nacional], pelo fornecimento de apetrechos bélicos adequados e treinamento operacional, e pelo suporte material de fundo, seja na forma de linhas de financiamento, facilitação de pagamentos ou, até, de ajuda a fundo perdido na luta hemisférica anticomunista. A responsabilidade dos EUA na promoção, sustentação ou apoio direto desses regimes, portanto, é mais do que evidente. Seus interesses econômicos, estratégicos, políticos ou militares estão presentes em todas as experiências concretas de SN [ditaduras militares] da região. (PADRÓS, 2008, p. 167-168).

Figura deveras atípica na obra, ressalta-se, é o burro Benjamin, que representa o ceticismo ante às várias ideologias, para ele tudo continuaria sempre mal, independente de quem estivesse no poder, assim, não tomava partido nas disputas internas, sendo uma das figuras mais realistas do livro em oposição à devoção dos outros animais aos líderes (porcos) do novo regime.

Quanto aos dois líderes, um deles é descrito como mais intelectual e de visão (Bola-de-neve) e o outro como afeito à força e ao poder militar (Napoleão), não possuindo projetos próprios, mas se opondo às ideias do primeiro em busca de poder absoluto.

Pode-se aventar até mesmo que seja uma sátira dos líderes soviéticos Trotsky (Bola-de-neve) e Stalin (Napoleão), uma vez que tal como no livro, na realidade o primeiro é expulso/exilado do novo Estado e eleito à inimigo (criando assim uma identidade nacional/social), cuja cabeça é colocada à prêmio, já o segundo governa pela força – no livro o poder militar é representado pelos cachorros, que são afastados de seus pais e treinados para a violência - e por meio da propaganda eficaz do seu governo (notadamente o suíno “Garganta”).

2 Golpe dentro do golpe e o início do totalitarismo



Seguindo a trama narrada no livro, é possível visualizar que após o exílio de um dos líderes da revolução e um golpe, há a dissolução da assembleia dos bichos que acontecia toda semana para deliberação conjunta. A liderança una de Napoleão justifica a medida em razão da desnecessidade de tais reuniões, pois constituiriam “[...] uma perda de tempo” (ORWELL, 2007, p. 48).

Essa passagem pode ser relacionada à dissolução do parlamento, muito comum às ditaduras brasileiras, ou mesmo aos arbítrios propiciados pelo AI-5, que novamente chegou a ser cogitado por membros do governo atual, já que o ministro da fazenda afirmou recentemente “Não se assustem então se alguém pedir o AI-5. Já não aconteceu uma vez? Ou foi diferente?”, bem como um dos filhos do presidente, deputado federal, também corroborou “Se a esquerda radicalizar a esse ponto, a gente vai precisar ter uma resposta. E uma resposta pode ser via um novo AI-5” (G1, 2019, n. p.), naturalizando a hediondez desse instrumento jurídico e sua contribuição para a banalização do mal no país.

Voltando à obra. Inusitado é notar que o líder exilado se torna criminoso, pelo simples fato de ser quem é, o que se assemelha ao direito penal do autor muito cultivado pelos regimes totalitários, pelo qual o crime não é mais o fato típico em si, mas sim seu autor, que é taxado de “perigoso”, mesmo que nada tenha praticado de ilícito.

Sempre também aparece a ameaça, muito comum aos regimes do chamado socialismo real, ou mesmo dos governos populistas de esquerda, de retorno ao *status quo*, ou retorno do opressor, para que os populares (no caso os bichos) aceitem os desmandos do poder, o que é bem sintetizado na frase do personagem Garganta “Por certo, camaradas, não quereis Jones de volta, hein?” (ORWELL, 2007, p. 49).

Há pouco se aventou a possibilidade da figura de “Major” fazer referência à Karl Marx. Todavia, pode se referir também à Lênin, líder soviético que foi embalsamado, cujo corpo foi exposto em um Mausoléu e é bastante visitado na Rússia, uma vez que a caveira desse personagem, no decorrer da narração, é desenterrada e exposta, talvez para que os bichos se lembrassem dos seus ideais (ou mesmo o cultuassem como divindade) e ficassem obedientes.

3 Alienação, crença nos líderes da revolução e comunismo libertário

A alienação, na obra marxista, é própria do capitalismo, que oprime por meio do trabalho, não concedendo educação de qualidade que possibilite o senso crítico,



possibilitando pouquíssimo tempo livre para a reflexão sobre a realidade. Como a obra representa uma alegoria do socialismo real, pode-se pensar que talvez a alienação não esteja somente presente no capitalismo, mas também no sistema de produção socialista, a despeito de não mais existir o fator alienante (próprio modo de produção capitalista), ou seja, também em uma sociedade que foi criada baseando-se na comunhão há alienação.

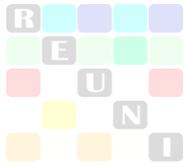
Nesse aspecto, fica claro que as “ovelhas” da obra de Orwell são utilizadas como massa de manobra devido a sua pouca inteligência e facilidade em seguir ordens, turbando sempre o debate, algo que possui muitas similaridades com o panorama atual no Brasil, o que se agrava com a difusão de notícias falsas, facilitada pelas mídias virtuais e impulsionada por robôs, o que leva a um comportamento de manada.

Mesmo os personagens representados pelos dois cavalos, que percebem que as coisas vão mal depois do histérico banho de sangue dos animais “traidores”, ao invés de se revoltarem com quem os governa, decidem trabalhar mais e acatar as ordens superiores, o que denota tanto alienação quanto submissão ao poder pelo medo.

Aqui cabe a pergunta formulada por Étienne de La Boétie, em seu Discurso sobre a Servidão Voluntária: “Que vício, que triste vício é este: um número infinito de pessoas não a obedecer, mas a servir, não governadas, mas tiranizadas, sem bens, sem pais, sem vida a que possam chamar sua?” (LA BOÉTIE, 1549/2006, p. 7), e mais à frente o filósofo francês aventa uma resposta “Começamos a domesticar o cavalo, desde o momento em que ele nasce, preparamo-lo para nos servir e não podemos glorificar-nos de que, uma vez domado, ele não morde o freio e não se empina quando o esporeamos” (LA BOÉTIE, 1549/2006, p. 19). É notável o quanto o esse ensaio do século XVI ainda é atual.

Antes do fatídico massacre na fazenda dos bichos, pode-se dizer que os porcos se corromperam duas vezes. Na primeira, eles passaram a comercializar através do homem, mantendo o contato amigável com um intermediário humano. Já na segunda, esses animais passam a habitar a casa grande e dormir em camas (feitas pelo homem), contrariando os mandamentos por eles formulados, passando a estar acima das regras estabelecidas. Fato este que conduziu à tirania do líder “Napoleão”, sem que os demais animais dela se dessem conta (GIROTTI, 2013, p. 136).

Para se pensar a situação trazida pelo livro, torna-se válida a crítica anarquista de Kropotkin (2007) para quem as tentativas comunistas fracassadas de sua época tinham em comum, dentro outros aspectos, seu espírito autoritário, além de não deixarem tempo de lazer aos seus membros, em razão do volume de trabalho, e tomarem como modelo a família patriarcal e autoritária, ao invés de possuir como objetivo a libertação completa



do indivíduo. Vê-se, assim, que tanto nas tentativas de socialismo real, quanto na alegoria trazida pelo livro, o sonhado comunismo não chega a se concretizar como na ideação por ausência de liberdade do indivíduo. Nos dizeres do revolucionário russo:

Instituição eminentemente econômica, o comunismo não prejudica em nada a parte de liberdade que nele será garantida ao indivíduo, ao inovador, ao revoltado contra os costumes cristalizados. [...] a única forma de comunismo que poderia durar é aquela na qual, tendo em vista o contato já estreito entre os cidadãos, tudo seria feito para estender a liberdade do indivíduo em todas as outras direções [...]. Com a anarquia como objetivo e como meio, o comunismo torna-se possível. Sem isso, ele seria forçosamente a servidão, e, como tal, não poderia existir. (KROPOTKIN, 2007, p. 139).

A teorização de Kropotkin feita no início do século XX, antecipa, por assim dizer, o que acontece no decorrer da “Revolução dos Bichos” e na realidade soviética, em que os animais/humanos são submetidos a um regime extremamente autoritário e violento, privando-se totalmente de suas vontades como seres individuais. Sem liberdade, eles se tornam servos de uma nova classe, os burocratas/porcos do Estado/granja que tem toda a sorte de regalias e empregam tanta violência quanto quem ocupava o poder antes deles.

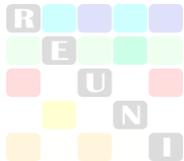
Dessa maneira, não se pode dizer que no socialismo real ou na alegoria apresentada na obra de Orwell há comunismo de fato, já que este pressupõe o aumento da liberdade individual, ao menos nos dizeres anarquistas.

4 Pode o direito ser um instrumento de dominação “socialista”?

É possível a observar na fábula a manipulação jurídica dos tais 7 mandamentos do animalismo. Em uma visão marxista, o Direito se constitui em instrumento de dominação e manutenção do poder pela burguesia, assim, o direito seria “burguês”, vez que produto majoritariamente do pensamento dessa classe.

Todavia, a manipulação jurídica, a partir do conteúdo do livro, ou seja, a utilização do Direito como um dispositivo de poder, também pode permear outros sistemas de produção, o que fica claro na complementação dos princípios do animalismo ao sabor da vontade dos poderosos/porcos, para que pudessem à vontade violar as normas originárias de tal Estado. De fato, aqueles partidários da Teoria Marxista do Direito afirmam ser este imprescindível, ao menos num momento inicial do comunismo²:

² Na visão de Lênin, derivada do pensamento de Marx, isso fica bem explícito, como se pode apreender da passagem: “[...] na primeira fase da sociedade comunista (que se costuma chamar de socialismo), o “direito burguês” não é abolido completamente, mas apenas em parte, na medida em que a revolução econômica



[...] o Direito é imprescindível enquanto instrumento de assédio sistemático, enquanto ferramenta, voltada à supressão pacífica da oposição. Tal como todo e qualquer Direito, o Direito Proletário também disciplina a conduta dos membros da classe proletária, ao subordinar a vontade de cada um de seus membros à vontade coletiva, i.e. aos interesses de toda a classe proletária. Certamente, esse Direito é distinto de todas as formas antecedentes de Direito: é o Direito de uma maioria, enquanto que todo o Direito precedente foi o Direito de uma minoria que explorava a maioria de uma determinada sociedade. Ademais disso, todos os sistemas jurídicos do passado procuraram assegurar, eternamente, uma dominação de classe. Diversamente, o sistema proletário de Direito procura garantir a dominação, exercida pelo proletariado, apenas com o propósito de superar toda e qualquer dominação de classe e, concomitantemente, fazer do Direito um fenômeno desnecessário. (PODVOLOTSKY, 2006, n. p. [no original: 1923, p. 192]).

Todavia, nesse afã de submeter a minoria à vontade da maioria e eliminar qualquer tipo de oposição, cria-se um regime autocrático, a faceta do direito como dominação pura e simples ganha ainda mais evidência. Não só no livro, mas também a realidade já mostrou que o direito também atua na perpetuação do poder na mão de poucos privilegiados, igualmente no regime socialista, vide a classe dos burocratas e militares soviéticos de alto escalão que gozavam de privilégios inúmeros e se enriqueceram com o fim do socialismo real.

5 Pessimismo, manipulação da linguagem e o retorno do ópio

Na parte final do livro alguns pontos merecem destaque. O primeiro é a manipulação da linguagem, quando o personagem “Garganta” utiliza a palavra “reajuste” ao invés de “reduções” (ORWELL, 2007, p. 90), expressão muito em voga nos dias atuais para retirada de direito dos trabalhadores, enquanto se mantém praticamente inalteradas as regalias da classe dominante.

O segundo aspecto que chama atenção é a volta do corvo “Moisés”, talvez a representar a igreja ortodoxa, que até os dias atuais tem influência na Rússia, sendo até mesmo ventilado seu apoio ao regime soviético, conquanto os patriarcas recentemente tenham negado e classificado a revolução de 1917 como “grandioso crime” (RUSSIA BEYOND, 2017, n. p.).

foi realizada, isto é, apenas no que diz respeito aos meios de produção. O “direito burguês” atribui aos indivíduos a propriedade privada daqueles. O socialismo faz deles propriedade *comum*. É nisso – e somente nisso – que o “direito burguês” é abolido” (2017, p. 119).



Interessante se pensar que a igreja ortodoxa sobre controle estatal é uma herança bizantina, servindo ela desde o czarismo até o regime leninista. Assim, “O primeiro aspecto da tradição bizantina que permanece na Rússia atual é o papel influente da Igreja Ortodoxa sob o controle estatal. O segundo é a herança do Estado totalitário dirigido por um chefe carismático” (TRAGTENBERG, 2008, p. 973). No livro, o corvo, a representar a religiosidade e sua utilização para manipulação das massas, adota até mesmo a linguagem dos revolucionários, referindo-se aos demais como “camaradas” (ORWELL, 2007, p. 94).

É costumeira a crença de que no comunismo a vida tenha de ser privada de “supérfluos”, em suma, frugal, talvez em razão da austeridade do socialismo real. Esse dado também aparece na obra durante remissão à fala do personagem “Napoleão”, quando este se beneficia da construção do moinho de vento, sem que o aparato traga nenhum benefício a quem o construiu, aduzindo ao final “A verdadeira felicidade, dizia, estava em trabalhar bastante e viver frugalmente” (ORWELL, 2007, p. 102).

Ao final do livro, o personagem “Benjamim” arremata, de maneira bem pessimista e sombria, que as únicas coisas imutáveis na vida seriam a fome, o cansaço e a decepção. A desigualdade é consagrada como única regra, não se veem mais diferenças entre homens e porcos.

CONCLUSÃO

A obra orwelliana apresenta uma alegoria dura da experiência socialista que o autor presenciava em seu tempo, notadamente a ditadura stalinista. É extremamente pessimista para aqueles que acreditam e lutam pela justiça social. Ao final da leitura alguém pode se perguntar: “Sempre haverá abuso de poder onde houver agrupamento humano”? ou “A luta por justiça social está fadada ao fracasso”?

A resposta é inconclusiva. O grande mérito da obra é explicitar como a ideologia pode se deturpar nos meandros do poder ou mesmo que o poder deve ser limitado e controlado mesmo se exercido fora de um modo de produção capitalista. O alerta do autor parece bem claro no sentido de manutenção de privilégios para além da burguesia (humanos) e o perigo desta ser substituída por outra classe tão ou mais deletéria do que a anterior (porcos).

Não se acredita que a obra sirva para reflexão apenas das limitações do socialismo, da natureza das coisas ou da humanidade, mas também de alerta para regimes ou discursos



autoritários que ganham força atualmente, utilizando-se de táticas, como as que aparecem no livro, por exemplo, de criação de inimigos (bodes expiatórios), propaganda eivada de notícias falsas e distorção da memória histórica.

O conto de fadas de Orwell não parece tão distante, em certa medida, da realidade experienciada, a irracionalidade e o comportamento animalesco encontram-se em voga. Isto pode soar como exagero, mas não deveria, já que no Brasil atual pode-se presenciar homenagens ao brutal golpe de 1964, a torturadores conhecidos ou ainda massivas mensagens falsas disparadas por robôs virtuais e replicadas com uma pitada de alienação (seriam as ovelhas de Orwell?). Se o socialismo real teve seus (muitos) horrores, também os teve o fascismo, é necessário sempre se lembrar.

REFERÊNCIAS

ENGELS, Friedrich; MARX, Karl. **Manifesto do Partido Comunista**. 2. ed. Lisboa: Avante!, 1997. Disponível em: <https://www.pcp.pt/sites/default/files/documentos/1997_manifesto_partido_comunista_editorial_avante.pdf>. Acesso em 04 dez. 2019.

G1. **'Não se assustem se alguém pedir o AI-5' em reação a 'quebradeira' na rua, diz Paulo Guedes, que em seguida fala que AI-5 é 'inconcebível'**. Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/noticia/2019/11/26/paulo-guedes-fala-da-possibilidade-de-novo-ai-5-se-corrige-e-diz-que-e-inconcebivel-declaracao-provoca-reacoes.ghtml>>. Acesso em 05 dez. 2019.

GIROTTI, Márcio Tadeu. As relações humanas e o cotidiano privado: a corrupção social – uma perspectiva da gestão empresarial no âmbito da obra revolução dos bichos de George Orwell. **Empreendedorismo, Gestão e Negócios**, v. 2, n. 2, p. 131-150, mar. 2013.

KROPOTKIN, Piotr. **O princípio anarquista e outros ensaios**. Tradução e organização de Plínio Augusto Coêlho. São Paulo: Hedra, 2007. Disponível em: <<http://www.afoiceemartelo.com.br/posfsa/Autores/Kropotkin,%20Peter/KROPOTKIN,%20P.%20O%20Princ%C3%ADpio%20Anarquista%20e%20outros%20ensaios.pdf>>. Acesso em: 05 dez. 2007.

LA BOÉTIE, Étienne. **Discurso Sobre a Servidão Voluntária**. Ebooks Brasil, 2007 [1549]. Disponível em: <https://miniweb.com.br/biblioteca/artigos/servidao_voluntaria.pdf>. Acesso em: 19 ago. 2022.

LÊNIN, Vladímir Ilitch. **O Estado e a Revolução**. 1 ed. São Paulo: Boitempo, 2017.

MESSEMBERG, Débora. A direita que saiu do armário: a cosmovisão dos formadores de opinião dos manifestantes de direita brasileiros. **Revista Sociedade e Estado**, Brasília, v.



32, n. 3, p. 621-648, Dec. 2017. Disponível em:
<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69922017000300621&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 05 dez. 2019.

ORWELL, George. **A revolução dos bichos**: um conto de fadas. Tradução de Heitor Aquino Ferreira. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

PADRÓS, Enrique Serra. Repressão e violência: segurança nacional e terror de Estado nas ditaduras latino-americanas. In: ARAÚJO, Maria Paula *et. al* (org.). **Ditadura e democracia na América Latina**: balanço histórico e perspectivas. São Paulo: FGV, 2008, 143-178.

PODVOLOTSKY, Ivan P. Direito Enquanto Instrumento de Dominação de Classe: Direito Burguês e Direito Proletário. In: MÜNCHEN, Emil Asturig von (org.). **Pequenos ensaios sobre marxismo e direito, sociedade e estado na revolução**. São Paulo: Universidade Comunista Revolucionária J. M. Sverdlov, 2006. Disponível em: <http://www.scientific-socialism.de/PECAP13.htm#_ftn3>. Acesso em: 06 dez. 2019.

RUSSIA BEYOND. **Igreja Ortodoxa e Revolução, uma relação dúbia**. 2017. Disponível em: <https://br.rbth.com/sociedade/2017/03/10/igreja-ortodoxa-e-revolucao-uma-relacao-dubia_717281>. Acesso em: 06 dez. 2019.

SCHWARCZ, Lilia Moritz e STARLING, Heloísa Murgel. **Brasil: Uma Biografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

TRAGTENBERG, Maurício. Rússia atual: produto da herança bizantina e do espírito técnico norte-americano. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 29, n. 105, p. 969-977, set./dez. 2008. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/pdf/873/87313701002.pdf>>. Acesso em: 06 dez. 2019.